

RECENSÕES

KURT TUCHOLSKY, *HOJE ENTRE ONTEM E AMANHÃ*. Coimbra, Livraria Almedina, 1978. Selecção, tradução e notas de um grupo de docentes de Filologia Germânica da Universidade de Coimbra, sob a orientação de Irmgard Ackermann.

Surgida à venda nas livrarias portuguesas em princípios de 1979, esta selecção e tradução de textos do autor alemão Kurt Tucholsky (1890-1935) passou, nos primeiros tempos, seguramente despercebida ao comum leitor português, para quem o autor agora traduzido não é, ao contrário do que actualmente acontece a nível internacional, um «clássico» da literatura alemã. Não pertence também ao grupo dos autores estrangeiros que por força do impacto dos grandes meios de comunicação social são, de um momento para o outro, lançados para os escaparates das livrarias. Para a generalidade do público leitor português, Kurt Tucholsky era em 1979 um desconhecido.

Divulgar um autor desconhecido, e para mais em selecção, é sem dúvida uma tarefa difícil que pode levar, como frequentemente tem levado, à transformação da obra traduzida num objecto museal destinado ao consumo de meia dúzia de iniciados na literatura, ou, pelo contrário, à sua simplificação mutiladora ao pretender captar-se um público mais vasto. Evitando conscientemente estes dois riscos, o colectivo responsável pela selecção e tradução soube conjugar um critério de cientificidade com as exigências de uma divulgação ampla, tornando deste modo a obra uma leitura agradável tanto para o estudioso da literatura como para o leitor comum. Para isso muito contribuíram a escolha do próprio autor, a cuidadosa selecção dos textos que revela a plurifacetada personalidade artística e humana de Tucholsky, o útil aparato de notas, o prefácio explicativo e a inegável qualidade da tradução.

Os nove capítulos em que se divide esta antologia, que, de acordo com o afirmado no prefácio, pretendem abranger a complexidade temática e formal da obra do autor, dão a conhecer ao leitor Tucholsky como ensaísta, como crítico literário, como grande representante da prosa curta satírica do seu tempo, como autor de poemas políticos e político-satíricos, como poeta de grande valor poético mesmo quando a sátira não é o meio artístico escolhido.

Conscientemente secundarizam os autores a faceta «kabarettista» de Tucholsky, e legitimamente parece-me, pois se é verdade que Tucholsky ocupa um lugar de relevo na história do «kabarett» literário dos anos vinte, não apenas como cultor mas também como teórico e crítico severo da produção do seu tempo, certo é também que a natureza específica da produção «kabarettista» e a ausência de tradição semelhante no contexto português tornariam incompreensível e inócua tal poesia.

As facetas da personalidade artística e humana de Tucholsky escolhidas, a natureza variada dos textos seleccionados para as ilustrar e até a sua proporcionalidade permitem conhecer o autor e a obra na sua pluridimensionalidade e até nas suas tónicas. É sobretudo como crítico satírico da sociedade do seu tempo que o ficamos a conhecer, embora o possamos descobrir igualmente como observador empático-patético; é sobretudo como analista do jogo dialéctico das grandes forças sociais antagónicas que Tucholsky releva, embora o conheçamos também como observador atento de fenómenos pontuais.

Um dos principais méritos desta antologia parece-me residir precisamente nesta articulação multiplicidade-unidade, isto é, na concatenação da transmissão informativa com a ordenação interpretativa. Da conjugação de textos de natureza programática com outros de cunho eminentemente «poético», da confrontação de testemunhos de natureza empática, não-distanciada, com outros de tipo abstractizante, ensaísticos ou parabólicos, adquire o leitor não apenas o perfil de um cidadão e de um artista empenhado na transformação do seu próprio tempo, mas também uma imagem da Alemanha da República de Weimar enquanto período histórico e enquanto modelo social. Por força da visão dominantemente distanciada de Tucholsky, a sua obra ultrapassa os limites rigorosamente espácio-temporais, para, deste modo, se tornar actualizável num qualquer tempo e espaço históricos em que as estruturas condicionantes se mantenham idênticas.

Daí a actualidade de Tucholsky para os nossos dias. Que o leitor português contemporâneo sinta a crítica deste autor

como eminentemente actual advém não apenas de factores exteriores, isto é, da permanência de estruturas sociais e mentalidades retrógradas incólumes à revolução, mas enraíza também na especificidade da própria análise de Tucholsky, que é, pois, para nós, «Leitores de 1985», actual e actuante não apenas por demérito alheio, mas também por mérito próprio. O diálogo é possível porque apesar de termos de facto ao nosso dispor «mais trezentas máquinas inúteis... mas no fundo não sermos lá muito melhores» («Saudação para o Futuro»), o «pouco que [Tucholsky] consegue espreitar acima do fluviómetro do seu tempo» é suficiente para lhe permitir dirigir-se de forma provocatoriamente invectivadora ao presente como ao futuro.

É um facto indiscutível que uma parte do prazer experimentado na leitura desta antologia advém da transposição quase involuntária que o leitor português é levado a fazer da crítica de Tucholsky do seu contexto próprio para o nosso contexto actual. Alguns dos textos mais marcadamente epocais, aqueles em que o autor denuncia, por exemplo, a corrupção do aparelho administrativo, a manutenção em postos-chave do aparelho jurídico e militar de pessoas «velhas», incólumes à «vacilação do mundo», são paradoxalmente alguns dos textos em que o leitor português mais vivamente sente retratada a sua própria realidade.

As reflexões feitas em 1922 sobre a existência de duas Alemanhas, «uma atrasada, de pouco valor e outra apta, prenhe de futuro» («As duas Alemanhas») não perderam actualidade pelo facto de o «rosto da classe dominante» se ter modificado ligeiramente; a circunstância de não ser o imperador Guilherme a encarnação dos «tempos magníficos» não impede que os «senhores de ontem» actuais continuem a sonhar com a eliminação das «loucas empresas de rua» («Os Senhores de Ontem»); as impressões da viagem à província alemã expressas em 1920 por Ignaz Wrobel, um dos heterónimos de Tucholsky, poderiam muito bem reportar-se a Portugal.

A par destes textos de actualização mais imediata, mais espontânea digamos, encontramos outros que embora de impacto menos evidente do que, por exemplo, «Antes e Depois das Eleições» ou «Burla com a Constituição», condicionam decisivamente a posterior recepção positiva da obra. Refiro-me a textos de natureza parabólica, fabulosa, por exemplo, em que através da fixação exemplar de situações ou comportamentos humano-sociais se consegue uma espécie de cristalização de

um tempo histórico real e se aponta para fora dele, adquirindo os textos deste modo um valor didáctico, dialógico portanto.

O impacto destes pequenos textos não é de certo menor do que o exercido por aqueles em que a denúncia reveste uma forma mais directa. O homem que «à margem da vida» vai conseguindo manter em paz as suas «duas almas» («O Piedoso Pescador»), o inquilino-senhorio, o homenzinho que à porta do bar, sem dinheiro para se embebedar, se compraz com a bebedeira dos outros («Homenzinho à Porta do Bar»), o ser humano cuja identidade tem os limites da pasta que feiticiza («O Homem da Pasta»), a estação dos correios da Leipziger Strasse que tem duas portas iguais, uma das quais está sempre fechada para que a repartição mostre que «ainda vai existindo» no exercício de mandar dos seus funcionários («A Porta»), o cão que ouve de pêlo ericado o uivar dos lobos que traiu ao deixar-se domesticar («Fábula») são para nós actuais não porque sejam a apresentação exemplar de situações humanas eternas, mas precisamente porque são históricas, isto é, modelos de comportamento humano socialmente dimensionados.

Mais ainda do que nas grandes análises, tipo «Crepúsculo», «As Duas Alemanhas», «A República Acidental», ou do que nos textos que mais directamente ecoam acontecimentos contemporâneos, é nestes textos que Tucholsky me parece captar mais vivamente o seu tempo, um pouco à maneira de George Grosz, o famoso pintor caricaturista que Tucholsky tanto apreciou.

Pelo peso que deram a estes textos na antologia e pelo modo como os distribuíram pelas diversas secções, me parece que os responsáveis pela selecção souberam realçar este traço dominante na obra de Tucholsky: a captação do particular e o seu alargamento exemplar.

Uma última palavra para chamar a atenção para as Histórias do Senhor Wendriner incluídas nesta antologia, muito especialmente para «O Senhor Wendriner sob a Ditadura» (1930). O leitor precisa de olhar bem para a data para se certificar de que este texto foi escrito antes da ascensão de Hitler ao poder. As «Histórias do Senhor Wendriner», tal como muitos dos textos atrás referidos, são o complemento das análises e dos ensaios do autor. Na figura do Senhor Wendriner e nos seus comportamentos públicos e privados denuncia Tucholsky o perfil e o comportamento de uma classe que preparou o cami-

nho a Hitler. Ao leitor atento torna-se impossível desarticular estas situações fictícias das reais retratadas por Tucholsky nas suas análises políticas.

Maria Helena Simões Catarino

JOSÉ MENDES FERREIRA (Org. e Trad.) *ANTOLOGIA DO FUTURISMO ITALIANO: MANIFESTOS E POEMAS*. Lisboa, Vega, 1979

A publicação da «Fundação e Manifesto do Futurismo» da autoria de F. T. Marinetti, no *Fígaro* de 20 de Fevereiro de 1909 — texto que inaugura precisamente esta antologia — é, de uma maneira geral, identificada com o início do Futurismo Italiano.

Afirmando-se pela negação radical e agressiva do tom desencantado e nostálgico, do ensimesmamento estático, e, numa palavra, do passadismo dos românticos decadentistas do século passado, os futuristas alargam, contudo, o seu campo de ataque a todas as formas do saber, testemunho do passado renegado, fruto da inteligência e da lógica contestadas, congelado em museus, bibliotecas e academias, e, por isso mesmo, irremediavelmente condenado — é a «Podagra» e a «Parálisi», destruídas pelas forças do Irracional e do Ilógico representadas pelos loucos e pelas feras que auxiliam os futuristas na cruzada de expansão do seu Movimento pelo mundo em «Matemos o Luar» (1909) de Marinetti.

Tinha este Movimento como seu grande objectivo uma dinâmica acção interventiva e formadora de uma novíssima sensibilidade italiana, conseguida à custa da destruição sistemática das heranças culturais de um passado considerado anacrónico. Assim se compreende o apoio entusiástico da maioria dos seus defensores à I Guerra, «única higiene do mundo» (p. 50). O âmbito do Futurismo é, pois, necessariamente vasto: ele abrange não só a literatura como as artes em geral. Na presente antologia se encontram também manifestos da pintura, escultura, arquitectura, música, teatro e cinematografia futuristas, além do «Manifesto do Partido Futurista Italiano» (1918) de Marinetti, cuja publicação testemunha a transcendência do campo puramente artístico e a intenção socio-política do Futurismo.

Os jovens futuristas, imbuídos já do novo espírito de mudança e do optimismo que marca a grande escalada do capitalismo antes da I Guerra, reivindicam para si o papel de arautos desta nova época: «[...] nós — material e espiritualmente artificiais — devemos encontrar tal inspiração nos elementos do novíssimo mundo mecânico que criámos» (p. 153).

Fruto da época, portanto, o seu materialismo optimista, provocado pela consciência do domínio do homem sobre a Natureza, e que se reflecte na exaltação do imediato, da vida, força, saúde, dos ritmos febris de vida na grande cidade industrial, das inovações tecnológicas e científicas, das potencialidades infinitas da matéria, da embriaguez da velocidade, da rápida sucessão e sobreposição de experiências novas, do gosto do risco e da aventura quotidianos, do dinamismo da transformação contínua.

Arautos, portanto, dos tempos modernos, do triunfo absoluto da Máquina, impõe-se a necessidade de uma «absoluta originalidade inovadora» (p. 75) a nível estético, capaz de exprimir esta nova sensibilidade.

Assim, na parte final desta antologia, encontram-se exemplificadas, numa selecção de poemas futuristas, as novas técnicas teorizadas por Marinetti no conhecido «Manifesto Técnico da Literatura Futurista» (1912).

A captação do dinamismo e fugacidade implícitos no novo ritmo de vida impõem a necessidade de uma poesia sintética, i. e., que faça convergir num momento poético uma sucessão ou sobreposição de experiências ou sensações, transmitindo, deste modo, a continuidade, fluidez e multiplicidade da vida moderna (cf. o conceito de «Vorticismo» dado por Ezra Pound). Estas impressões são transmitidas através do emprego da «imaginação sem fios» (p. 127), ou seja, a utilização de analogias e imagens de âmbito muito vasto, que, por isso, surgem como uma enumeração caótica (intuitiva) de palavras.

A nível rítmico, a mesma impressão é conseguida pela abolição do período latino e da sintaxe tradicional substituindo-a, quando necessário, por sinais matemáticos que concorrem para dar uma dimensão geométrica ao poema. Também o advérbio, o adjectivo e a conjugação finita dos verbos — registos de subjectividade ou elementos de harmonia da frase — são, em grande parte, suprimidos. Todo o sentido recai, assim, em palavras «libertadas» e reduzidas ao essencial, principalmente no substantivo, e a analogia é estabelecida pela sua justaposição a outro substantivo que funciona como seu duplo.

E de novo somos remetidos ao glorioso movimento da Máquina pelo tipo de sonoridade de alguns poemas, conseguida pela utilização de sons onomatopaicos, como acontece, por exemplo, no muito citado «Zang Tumb Tumb» (1914) de Marinetti.

Tais são, muito sucintamente, as linhas de força técnicas introduzidas ou exploradas pelo Futurismo.

Resta ainda aqui referir a oportunidade desta publicação, visto ser ela — e já não sem tempo! — a primeira selecção de manifestos futuristas que vem à estampa.

Reconhecido como é o contributo decisivo do Modernismo — em que se integra o movimento futurista — em toda a arte contemporânea, actualmente tantas vezes acusada de degenerescente, incomunicativa e críptica por não ter referente na realidade imediata, será, na minha opinião, muito útil remontar às origens de todo o processo evolutivo — e nesse trabalho a leitura desta antologia será valiosa — para assim, mais facilmente se poder separar o trigo do joio. Esta parece ser, aliás, a tendência geral dos especialistas e interessados neste domínio da arte, como o demonstram, por exemplo, o reinteresse que o estudo da obra de Fernando Pessoa suscita neste momento entre nós e a reavaliação que dela está a ser feita, assim como a exposição sobre Futurismo, organizada pela Accademia Nazionale di San Luca e realizada no Porto e em Lisboa respectivamente em Março e Abril do ano corrente, com a colaboração do Centro de Arte Contemporânea e do Instituto Italiano de Cultura.

Tendo a antologia em questão sido ironicamente publicada no ano em que surgem também no panorama da crítica literária portuguesa indícios bem claros dessa nostalgia e passadismo, frutos de um desencanto e alheamento voluntário à realidade presente (veja-se a polémica iniciada por Fernão de Magalhães Gonçalves em *Cadernos de Literatura*, n.º 2, Instituto Nacional de Investigação Científica, Coimbra, 1979), fique-nos a expressão enérgica e irreverente — e por isso mesmo sempre actual — da necessidade constante da dinâmica de uma inovação absoluta.

Como diz José Mendes Ferreira na Introdução a esta antologia: «Os futuristas, no seu campo, *no campo da cultura*, são revolucionários;» (p. 31; sublinhado meu).

Isabel Cristina Grácio